



Anais da IX Semana da Diversidade Humana (ISSN 2675-1127) – 07 a 09 de outubro de 2024 – Centro Universitário São Lucas – Porto Velho

**VIVÊNCIAS DA SEXUALIDADE DE PACIENTES DE SAÚDE MENTAL:
uma revisão sistemática da literatura**

Letícia Gomes Oliveira, Centro Universitário São Lucas Porto Velho

lgoliveira902@gmail.com

Gabrielle Selleri Bezerra, Centro Universitário São Lucas Porto Velho

gabrielle.bezerra@saolucas.edu.br

JUSTIFICATIVA: O cuidado oferecido nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), importante ferramenta na luta antimanicomial, deve ser realizado com base em uma relação humanizada, construída no respeito ao sujeito e à sua autonomia no tratamento e com base na compreensão de que o paciente é atravessado por diversas questões sociais, para além das médicas. Uma dessas questões é a vivência da sexualidade. No entanto, esse público é, por vezes, colocado em estigmas limitadores de vivências, sendo infantilizados ou considerados pervertidos. E assim utiliza-se a estratégia de controle com a afirmação de cuidado, negligenciando o sujeito (Man; Monteiro, 2018; Barbosa *et al.*, 2015). A contradição presente entre a forma como a sexualidade de pacientes com transtornos mentais graves deveria ser manejada e a forma como ela o é, além de suas consequências para a saúde mental, justifica a relevância da presente pesquisa. **OBJETIVO:** Investigar como paciente com transtornos mentais graves, usuários dos CAPS, vivenciam suas sexualidades, quais informações estes possuem acerca de cuidados e prevenção e quais possíveis estigmas sofrem em relação à sua sexualidade. **METODOLOGIA:** Este estudo é resultado de uma revisão sistemática da literatura. Foi realizada uma busca por artigos sobre a sexualidade de pacientes dos CAPS, tendo sido selecionadas para análise nove pesquisas empíricas efetuadas tanto com usuários dos CAPS, como com profissionais de saúde que atuam nessas instituições. O material selecionado foi encontrado no Portal de Periódicos CAPES/MEC e na Biblioteca Virtual em Saúde Brasil (BVS Brasil), publicados entre 2014 e 2024. **RESULTADOS:** Foram levantadas algumas perguntas norteadoras como: “Como os pacientes de saúde mental experienciam sua sexualidade”, “Qual sua compreensão acerca do cuidado”, “Quais estigmas os pacientes sofrem?”. Os pacientes dos estudos expuseram os obstáculos de não chegar em um orgasmo.



Anais da IX Semana da Diversidade Humana (ISSN 2675-1127) – 07 a 09 de outubro de 2024 – Centro Universitário São Lucas – Porto Velho

As mulheres, revelaram sua sexualidade como uma moeda de troca, seja por algum item básico, seja por por segurança, para manterem o casamento, e manifestaram não terem prazer no sexo (Detomini; Rasesa, 2018; Zanello *et al.*, 2015; Barbosa *et al.*, 2015). Ademais, houve relatos de abusos sexuais sofridos pelos pacientes, o que contribuiu para sua aversão ao sexo (Real *et al.*, 2013; Barbosa *et al.*, 2015; Campelo *et al.*, 2019). Sobre os cuidados na prática sexual, foram expostas vivências de situações de risco, como atividade sexual sem proteção. Manifestou-se pouco conhecimentos relacionados a ISTs, com entendimentos apenas sobre o HIV. Foi relatado pelos profissionais o medo de a distribuição de preservativos incentivar a atividade sexual, apesar de compreenderem que os pacientes poderiam ter práticas sexuais mesmo sem preservativo. Além disso, os pacientes relataram quase não terem espaços para dialogar sobre sexualidade com profissionais na instituição (Detomini; Rasesa, 2018; Real *et al.*, 2023; Man; Monteiro, 2018; Barbosa *et al.*, 2015; Campelo *et al.*, 2019). Sobre os estigmas sofridos, os estudos denunciaram que muitos profissionais enxergam o paciente como alguém que precisa ser controlado, e nesse caso, ter sua sexualidade controlada (Man; Monteiro, 2018; Barbosa *et al.*, 2015). Além disso, pacientes narraram serem alvos de comentários de familiares, que por serem “loucos”, não podem namorar (Detomini; Rasesa, 2018). Os estudos expuseram as diferenças entre as vivências da sexualidade sob a perspectiva de gênero. Ao homem costuma ser atribuída uma vida sexual ativa, resultando em sofrimento quando não conseguem desempenhar esse papel. Nos relatos das mulheres, o consentimento dá lugar à permissividade, cedendo ao sexo para agradar os parceiros, e pouco se manifesta o desejo sexual (Zanello *et al.*, 2015). **CONCLUSÃO:** Com a análise dos artigos conclui-se que, apesar do estigma de que pacientes de saúde mental não exercem a sexualidade, esse público vivencia práticas sexuais, mesmo sem orientação. Manifestou-se que mesmo com a reforma psiquiátrica, ainda se reproduz preconceitos nessas instituições, o que implica debates e práticas antimanicomiais. Todos os artigos expuseram falta de informação sobre ISTs e prevenção, evidenciando que pouco se debate sobre o tema pelos profissionais. Ademais, os pacientes revelaram o desejo de atividades relacionadas a temática. Nesse sentido, é importante a construção de atividades, permitindo diálogos sobre a sexualidade, a fim de combater o preconceito e promover o cuidado.



Anais da IX Semana da Diversidade Humana (ISSN 2675-1127) – 07 a 09 de outubro de 2024 – Centro Universitário São Lucas – Porto Velho

Palavras- chave: CAPS. Sexualidade. Transtornos mentais.